2.º Anno | Lisboa, 5 de Abril de 1886 | Numero 38

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por C. D.—*O viver dos presos na torre de S. Julião da Barra*, por Pinheiro Chagas.—*Adoração*..., soneto, por M. Osorio.—*A commenda do Ventura*, conto, por Eduardo Schwalbach Lucci.—*Miragem*, soneto, por Arthur Marinho da Silva.—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação), por Gervasio Lobato.—*Estudos litterarios*, por D. Guiomar Torrezão.—*O «Duque de Vizeu»* (*Scena* 3.ª *do* 1.º *acto*) por Lopes de Mendonça.—*As nossas gravuras*.—*Em familia* (*Passatempos*).—*Expediente*.—*A rir*.—*Um conselho por semana*.—*A mulher e o futuro*, Magalhães Fonseca.

GRAVURAS:—*Henrique Lopes de Mendonça*.—*Devaneando*.—*A poltrona do avôsinho*.—*Depois do trabalho*.—*Pelo pino do verão*.

CHRONICA

D'esta vez foi ainda a Patti quem se encarregou de encher a semana com o seu nome prestigioso e sonoro, uma especie de amuleto perante o qual se teem curvado reverentes todos os povos da velha Europa. Debalde o sr. Latino Coelho—um *dilettante* do republicanismo nacional—tentou prender, na camara dos senadores, as attenções publicas á sua phrase burilada e academica. Em vão as gazetas procuraram cortar a corrente impetuosa do enthusiasmo lisboeta, architectando uns *poissons d'avril* com laivos d'escandalo apimentado. Nem as *romanzas* do sr. Latino procere, defendendo a Communa de Paris com os exemplos de Nero, — o pseudo incendiario, — nem as facecias intrigantes do jornalismo

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

brincalhão conseguiram fazer esquecer a *diva* formidavel.

Se, em epocas normaes, pobres de acontecimentos lyricos, o primoroso estylista republicano viesse sustentar, á face do paiz, a necessidade de que o sangue corra em ondas intumecidas para que a humanidade alcance uma conquista da civilisação, a estas horas já nós teriamos ahi um movimento revolucionario, muito mais terrivel nos seus effeitos que o que se está desenrolando na Belgica pacata, com espanto de todo o mundo civilisado. O sangue luzitano correria por essas ruas fóra, em vagalhões espumantes, e o sr. Latino, encarapitado no cimo da Cotovia ou sobre o zimborio da Estrella, semelhando Nero sobre a torre de Mecenas, experimentaria um jubilo intenso, contemplando lá do alto a sua obra devastadora e sanguinaria.

Felizmente para o paiz e para todos nós, tal calamidade não se deu, graças á intervenção miraculosa da grande Patti, que se encarregou de velar por este povo embasbacado nos seus encantos. O mellifluo academico jacobino deitou-se a dormir uma somneca patriarchal, depois de ter prégado a sedição e o incendio, e nem houve tripas de fóra, nem os soldados do pretorio atiçaram as chammas da sua rhetorica mirabolante.

Depois d'este grande serviço, prestado pela famosa cantora á minha bella patria agradecida, como é que eu posso agora desatar-me em adjectivos menos sonoros contra ella—o *enfant gaté* da princeza de Galles—e lançar uma nota discordante no meio d'essa catadupa de madrigaes floridos com que a nossa imprensa a mimosêa?

Pois á fé que tinha vontade de o fazer, e quem me provocou estes pruridos de ser franco, não foi a decadencia visivel da Patti; não foi a pessima escolha dos trechos musicaes, cantados por ella no 3.º acto do *Barbeiro*; não foi a *sans façon* irreverente com que se atreveu a amputar a parte da *Lucia*; fôram os exageros laudatorios da critica lisboeta, que á força de prodigalisar ah! ah! e oh! oh! a esmo, cae quasi sempre na banalidade e no ridiculo, rachando, ainda por cima, com o thuribulo a cabeça dos pobres thurificados.

Eu tenho o defeito enorme e talvez incorrigivel de embirrar solemnemente com as reputações consagradas. Desadoro o *réclame* no que elle tem de refalsado, de louvaminheiro e de especulador. Detesto a critica quando pretende impôr-se-nos como as maximas d'um Evangelho.

Se me dizem:—crê ou morres!—prefiro deixar que me matem, sem acto de contricção prévio, a crer antes de ter visto e de ter ouvido. E' feitio.

Ha bons vinte e sete annos que a feliz Adelina anda fazendo a sua gloriosa peregrinação artistica pelo velho e pelo novo mundo. Ha mais d'um quarto de seculo que este phenomeno musical se transporta triumphalmente de New-York a Londres, de Londres a S. Petersburgo, e de S. Petersburgo a Paris, hoje marqueza, amanhã millionaria, mais tarde enamorada de Nicolini, fazendo prodigios com a sua garganta maravilhosa, exhibindo o seu condão de *virtuose* incomparavel e insigne. Ora, vinte e sete annos não passam debalde sobre uma simples mortal, feita á imagem e similhança de todas as outras; um quarto de seculo gasto a cantar, estraga as organisações mais fortes e robustas. Ha muito menos tempo canta a gentil Borghi, e começa a estar arrazada. Muito mais curta carreira tem Bianca Donadio, e já não é capaz de grandes commettimentos lyricos.

Nós comprehendemos que o abbade Liszt principiasse, depois de velho, a ser o rei dos pianistas. A agilidade das mãos alcança-se com a pratica. A' medida que o tempo vae decorrendo, o pianista vae-se corrigindo e aperfeiçoando. Se a velhice ou a doença lhe não paralysou os dedos, esses dedos deslisam sem esforço sobre o teclado, e não cançam, não se atrophiam, ganham todos os dias novas forças, executam progressivamente novos prodigios, guiados, na sua carreira sobre o marfim infatigavel, por uma alma inspirada d'artista.

Outro tanto não succede com a voz humana, que, para se emittir em toda a sua pujança e em todo o seu brilhantismo, demanda esforços mais ou menos violentos, cuja elaboração vae produzindo estragos fataes, á medida que os annos deslisam na sua marcha regular e isochrona.

Se me disserem que a Patti *foi* uma cantora genial e assombrosa, acredito-o piamente, porque emfim, as grandes reputações não se fazem apenas sob o imperio da critica, e na *maneira* da notavel artista, no seu methodo de canto, no seu modo de phrasear, no seu estylo, no timbre da sua voz, ha ainda os reflexos d'um astro de primeira grandeza, que brilhou muito, deixando fascinados todos quantos o fitaram de perto. Mas se pretenderem fazer-me acreditar que a ex-marqueza de Caux *é ainda* o mesmo prodigio adorado em 1859 pelos americanos, divinisado em 1861 pelos austriacos, apotheosado em 1864 pelos parizienses, thuriferado ha vinte annos, com justiça, por todos os povos da raça latina boquiabertos; se quizerem á viva força convencerme de que o tempo não exerceu sobre a Patti a sua acção devastadora, de que a sua voz não perdeu muito da melodia e do timbre primitivos, de que ainda póde emittir-se, sem perigo de fiasco, n'uma tassitura elevada, na mesma em que fez maravilhas, durante o periodo aureo da sua aventurosa carreira artistica, então protestarei com toda a minha força contra essa pretensão tresloucada e parvoinha, que nem tem o merito de ser generosa, porque Adelina Patti, opulenta como um Nababo, cercada de fausto como qualquer rainha, possuidora de palacios e castellos sumptuosissimos no paiz de Galles, não carece da generosidade dos nossos criticos e dos nossos *dilettanti* para viver feliz o resto da vida...

Afinal,—caprichos da penna irrequieta!—sempre me deixei arrastar no pendor d'umas considerações pouco blandiciosas ácerca do merito da Patti de hoje, apesar de ter querido fugir, muito cautellosamente, a este escolho, com receio de que os *badauds* me chamassem selvagem e de que o meu illustre companheiro Gabriel Claudio, enamorado pelo brilho iriante da voz da *diva*, viesse fulminar-me com algum raio da sua colera.

Queixem-se d'este desacato irreverencioso os fabricantes do lôas provocadoras e os vendilhões de *réclamos* mentirosos. Foram elles quem me incitaram a esta rude franqueza provinciana, forçando-me a reparar em que a Rosina do *Barbeiro* e a protogonista da *Lucia* eram carissimas, exhibidas a 2:800$000 réis por noite, diante d'um publico que ouvio a Borghi mãe, que admirou a Donadio, que escutou a Sembrich enbevecido, e que tem hoje o prazer de ouvir Fidés Dévriés, a organisação mais completa d'artista que nós conhecemos, a mulher mais distincta e a *virtuose* mais idealmente gentil que pisou nos ultimos tempos o palco de S. Carlos.

Em todo o caso, devemos confessal-o novamente, Adelina Patti prestou um grande serviço ao paiz, libertando-o do furor sanguinario do sr. Latino, e prestou outro serviço não menos valioso á Arte, transformando um meio Masini n'um Masini inteiro e completo.

Depois d'estes dois grandes milagres, a *diva* peregrina póde já descansar em doce paz no seu precioso *chateau* senhorial da Gran-Bretanha, tendo a certeza de que a posteridade não deixará de fazer-lhe justiça, canonisando-a.

CASIMIRO DANTAS.

O VIVER DOS PRESOS

NA

TORRE DE S. JULIÃO DA BARRA

O leitor, que tem tido a paciencia de nos acompanhar nos nossos estudos ácerca da torre de S. Julião da Barra e dos seus carcereiros, está agora habilitado a poder avaliar qual seria a existencia d'aquelles malfadados, que o destino conduzia áquellas lobregas prisões.

A' noite quasi sempre é que chegavam os prezos á porta da velha fortaleza. Os gemidos lugubres do Occeano proximo acompanhavam tristemente o ranger das portas pesadas, o tilintar das chaves, as palavras grosseiras dos officiaes e dos soldados. Depois vinha a ceremonia de os despirem e de os apalparem, ceremonia verdadeiramente ignominiosa e torpe. Entravam nos carceres ás apalpadellas, empurrados brutalmente pelo Maia ou por outros semelhantes, e recúavam espavoridos diante do chão alagado ou do cheiro infecto das masmorras.

A natureza humana tem incriveis faculdades de resistencia. A tudo se habitua. Parece impossivel como houve quem podesse viver cinco annos n'aquelles carceres horrorosos. A accumulação de gente era tal, n'aquelles calabouços, que lá dentro mal se respirava e o calor era suffocante. Quando a porta se abria corriam todos a apanhar um pouco de fresco, e dava-lhes isso em resultado quasi sempre o serem repellidos á bordoada.

De inverno havia lá dentro este calor exorbitante, emquanto cá fóra os officiaes passavam, bem abafados nos seus capotes, por causa do frio. De verão a intensidade do calor tornava-se insupportavel. Era mephitica a atmosphera, viciada não só pela respiração de tantos homens amontoados, mas ainda, o que era peior, pelo contheudo dos barris de limpeza, que saiam todos as manhãs a trasbordar de materias fecaes.

Passava-se fome. Estabelecera-se na torre uma casa de pasto, que explorava de um modo insolito aquelles desgraçados, e os fazia pagar por preços descommunaes os pratos vulgares e mal cosinhados. Mas, ainda assim, se elles chegassem aos prezos como tinham saido do restaurante, bem iria o negocio.

Não acontecia porém assim. O Maia, como sabemos, encarregava-se de misturar, de adulterar, de emporcalhar todos os alimentos. Os officiaes da escola d'este famoso alferes eram como as harpias de Virgilio. Se havia algum official um pouco mais humano, que não procedia assim, o que fazia pelo menos era deixar o comer cá fóra immenso tempo, de modo que, quando os prezos o recebiam, ia completamente frio. Afinal já passava como axioma entre os prezos o seguinte dizer: *Está quente? está bom.*

Os que padeciam isto apenas eram os Cresos, os que tinham recursos para pagar os preços que a casa de pasto exigia, para occorrer ás mil extorsões que os carcereiros e os companheiros de carcere achavam modo de effectuar; mas os que não tinham esses recursos? Esses passavam fome. Se os seus companheiros os não podiam ajudar, e ficavam por conseguinte dependentes do commando da Torre, que tinha de lhes dar de comer, padeciam as maximas torturas. Houve um desgraçado hespanhol, que os satellites de Telles Jordão deixaram, sob um pretexto qualquer, quarenta e oito horas sem comer. O homem atroou os echos da Torre com os seus uivos de desespero. Afinal Telles Jordão resolveu-se a mandar-lhe alimento. Atirou-se a elle com tão soffrega avidez, que ia morrendo.

Depois todos os dias de manhã, á noite, de tarde tinham as perseguições implacaveis dos seus carcereiros. Telles Jordão ao principio, brutal, severo, inquisitorial, mantinha-se porém um pouco dentro dos limites da sua dignidade de general; mas, a pouco e pouco, vendo-se em plena liberdade, reconhecendo que governava na Torre de S. Julião com poder muito mais absoluto do que o proprio D. Miguel em Portugal, perdeu essas ultimas considerações, e começou a hostilisar, sem dó nem consciencia, os presos. Sempre que fazia alguma visita aos carceres, e folgava de as amiudar, porque não tinha outras distracções, era certa a distribuição de murros, de pontapés e de cacetadas. Os seus sicarios imitavam-n'o covardemente, e homens respeitaveis, padres, desembargadores, antigos deputados, antigos ministros, tinham de soffrer com paciencia os insultos corporaes dos seus carcereiros. Não bastando isso ainda, completavam a obra de infamia os facinoras, que Telles Jordão dava aos liberaes como companheiros tyrannicos do carcere. Era o João dos Reis, era o Calessa que acordavam, de quando em quando, os infelizes presos, começando alta noite á bordoada a toda a gente.

Ao principio contentavam-se os officiaes e os soldados em dar vivas a D. Miguel á porta do carcere, e atroar os corredores com as notas do *Rei chegou*.

Mas a pouco e pouco foram achando isso pouco divertido, e lembraram-se de apimentar o espectaculo, obrigando os proprios presos a darem esses vivas que tanto repugnavam á sua consciencia. Passou a ser uma ceremonia quotidiana por occasião das revistas aos presos.

O bey d'aquella Argel tinha um filho, a quem entregou os presos para divertimento do rapazinho, e achava immensa graça á esperteza do menino, que o governo de D. Miguel fizera alferes, e que se atrevia, sendo um criançola, a bater tambem nos prezos, e cujas ordens eram tão cegamente obedecidas como as do seu pae.

Se os prezos não eram directamente assassinados, pode dizer-se que diariamente se commettia esse crime na Torre, porque ás pancadas que deixavam ficar os presos muitas vezes em misero estado, succedia a falta absoluta de tratamento, ou, o que era peior muitas vezes, um tratamento inepto. Como Telles Jordão tinha a mania de dar sentenças em therapeutica, nenhuum medico, digno d'esse nome, queria residir na Torre, e só acceitou esse logar um selvagem ignorante, cujas receitas eram outras tantas sentenças de morte. A's vezes os presos pediam para serem tratados por outros, que eram medicos, e muitos d'elles medicos distinctos; mas, quando isso se lhes consentia, tinham então de se resignar a ser tratados nos proprios carceres, em detestaveis condições hygienicas.

Nos carceres habituaes a vida era horrorosa, mas tornava-se mais odiosa ainda, quando os prezos eram passados para o segredo, o que succedia frequentemente, bastando para isso o mais insignificante pretexto. Então era necessario passarem os seus tristes dias n'um solo encharcado, receiosos a cada instante de que o arrombamento da cisterna produzisse uma innundação que os affogasse, como ia succedendo uma vez.

Privados de todas e quaesquer distracções, não podendo receber nem livros, nem jornaes, a não ser a *Gazeta Official*, inventavam os desgraçados presos todos os meios imaginaveis de passar o tempo, que tão longo lhes corria! Assim tinham achado modo de communicarem de umas prisões para as outras, por meio de pancadas na parede. Tinham formado assim um alphabeto telegraphico, que levava immenso tempo a decifrar, mas não era o tempo que lhes faltava. Além d'isso, com a longa pratica, tinham aperfeiçoado de tal modo esses meios de communicação, que muitos dos presos conversavam assim tão facilmente como se estivessem fallando uns com os outros.

Soube Telles Jordão que havia essas communicações telegraphicas e quiz impedil-as, mas não teve meios de encontrar provas. Um dia mandou sahir todos os presos de um carcere, e ordenou aos officiaes que entrassem e batessem nas paredes; mas o systema telegraphico estava já n'esse tempo muito aperfeiçoado, e os presos das masmorras contiguas perceberam perfeitamente que não eram os seus camaradas que batiam e abstiveram-se de responder.

Foi assim que os presos communicaram uns aos outros a victoria dos liberaes na Villa da Praia, e a revolução de julho em França, que os encheu a todos de esperanças, bem cedo dissipadas!

Outro acontecimento, que tambem lhes inspirou as mais vivas esperanças, foi a entrada da esquadra franceza no Tejo, commandada pelo almirante Roussin. Perceberam perfeitamente o que se passava, assistiram á defeza vergonhosa da Torre, que apenas disparou algumas balas, de que os navios francezes zombaram, viram sahir da Torre triumphalmente os dois presos francezes Bonhomme e Sauvinet, cujo encarceramento dera logar ás reclamações do governo de Luiz Filippe. Mas, se viram sahir os navios da marinha de guerra portugueza aprisionados pelo inimigo, não sentiram nem o mais insignificante allivio na sua situação. A França não queria intervir nos negocios internos de Portugal. Salvava os seus cidadãos, e não cuidava dos nacionaes.

Assim se passaram cinco annos! cinco annos de prolongados martyrios! cinco annos de padecimentos incessantes e de torturas sem nome!

Um dos nossos leitores fez-nos a honra de nos enviar um exemplar do manifesto do partido miguelista em 1838, manifesto em que se narram as atrocidades de que foram victimas, depois da restauração da Carta, os membros d'esse partido. Já alludimos a essa reclamação, mas não podemos deixar de dizer agora que, se alguns excessos se commetteram, explica-os devéras a narrativa que acabamos de fazer. Depois da cinco annos passados no fundo dos carceres da torre de S. Julião da Barra, deviam sair ferinos, desesperados, loucos de raiva os que tinham sido victimas de tão insupportavel regimen, e os seus amigos, os seus parentes, que tinham padecido angustias infernaes ao lembrarem-se das torturas que se curtiam n'aquelles carceres hediondos, deviam sentir um prazer ineffavel em poderem pagar n'um dia aos algozes essa divida de sessenta mezes. Se a vingança é o prazer dos deuses, que admirava que a appetecessem os que tinham apenas as fraquezas da humanidade? Mas felizmente comprehendiam melhor as maximas do christianismo e os dogmas da liberdade, os homens do novo regimen, e os vencidos nem foram esmagados, nem se lhes infligio a expiação de tantos e tantos crimes.

PINHEIRO CHAGAS.

ADORAÇÃO...

A' noite, quando o azul da immensidade
Se recama de perolas brilhantes,
E a lua, como o espelho da saudade,
Allumia os colloquios dos amantes;

A' noite, quando as aguas ondulantes
Deslizam já com mais suavidade,
E os montes, como espectros de gigantes,
Nos lembram os heroes da antiguidade;

A' noite, quando toda a natureza,
Banhada pela triste luz da lua
Innunda as nossas almas de tristeza,

Eu levanto os meus olhos fascinados
E julgo vêr a doce imagem tua
Sorrir-me dos espaços estrellados...

Porto. M. Osorio.

A COMMENDA DO VENTURA

Fortunato Ventura era chefe de repartição havia dez annos, e havia dez annos tambem que nutria o mais ardente desejo de ser commendador. Isto explicava-se e era, até certo ponto, justo, mesmo justissimo: o Osorio, um segundo official, tinha o habito de Christo,e elle o Ventura, que era seu chefe, que tinha carteira á parte—animal perigoso na repartição, isolado — não tinha nenhum habito senão o de ir todos os dias ás 9 horas para o ministerio e nenhuma medalha a não ser a do cyrio da Atalaya.

Era necessario que nos actos solemnes—distribuição de premios, enterros de pessoas de familia do director geral e do ministro, *soirées* familiares, festas da semana sancta, procissão dos Passos, *Te Deum* 1.º de dezembro etc, —podesse supplantar o Osorio; era forçoso que no peito da sua casaca houvesse alguma cousa brilhante que chamasse a attenção sobre a sua pessoa.

Lembrara-se já de praticar algum acto heroico, a vêr se podia por esse caminho obter a mercê tão desejada, de salvar alguem d'um fogo, ou do seio das ondas encapelladas.

Dos fogos tinha, porém, elle muito medo, tanto medo que em sua casa não se comprava phosphoros nem petroleo; quando eram precisos ia a creada pedil-os defronte, a casa da sogra do Ventura. Da agua tambem receava algum tanto; lembrava-se de que em pequeno, nos banhos do mar, saltava para cima dos hombros do banheiro, quando este imaginava tel-o mettido debaixo da agua; e francamente aprender a nadar n'aquella edade e saltar para os hombros do banheiro não era cousa muito propria d'um chefe. Mas no fim de contas aquillo acontecera quando elle tinha os seus dez annos—uma creança!—agora já era um homem, e por isso lhe competia vencer os elementos. Em seu auxilio vinha tambem a recordação do sangue frio com que tomara um banho no hotel Central, quando, havia uns 5 annos, casara com a sua sobrinha Emilia—bella rapariga, que elle escolhera para sua esposa e herdeira do seu monte-pio. Além d'isso os patos, animaes insignificantes, andavam em terra e dentro da agua, e elle que era mais do que um pato—fosse lá um pato fazer o que elle fazia na repartição!—havia de poder tambem manobrar na agua. Mas, apesar d'estas considerações e de ter comido todos os dias pato ao almoço, jantar e ceia, durante mais d'um mez, esperando que as propriedades d'aquelle animal passassem a ser tambem suas, a coragem faltou-lhe, e o Fortunato Ventura não se atirou ás ondas.

Occorrera-lhe tambem a ideia de escrever para o theatro um drama; mas tinha medo de que sua mulher não gostasse de vel-o, aos 60 annos, nas caixas dos theatros, e tambem abandonou esse expediente.

Não conhecia um deputado, não cumprimentava um ministro, nem ao menos um influente em eleições!

Ninguem, ninguem lhe podia arranjar a tão ambicionada commenda!

Ser commendador! Que honra! Que gloria! Seria o primeiro na familia. Entre os seus houvera secretarios e presidentes de associações, um chegara mesmo a mestre dos filhos de Apollo na phylarmonica, outro a regedor; commendador seria, porém, elle o primeiro. D'elle, por intermedio da sua Emilinha, é que poderiam descender os commendadores Venturas!

Todos aquelles pensamentos eram muito bonitos, mas d'ali a realisal-os é que era a difficuldade; o pobre Fortunato vivia triste, muito triste por ver os annos a passarem uns após os outros, e elle sempre na mesma.

Uma noite, o Fortunato foi ao Colyseu com a sua esposa, com a sua cara Emilia—uma encantadora lourinha, que todos julgavam sua filha, o que o desesperava deveras! Era uma extravagancia, bem o sabia, mas uma noite não são noites, e elle precisava de se distrahir da *Osorite* aguda de que estava atacado.

Ao lado de Emilia ficou um rapaz alto, elegante, bem vestido, a quem elle ouviu um individuo, que passava, dizer:—Boas noites, marquez!

O Fortunato viu logo que ao lado de sua mulher estava um fidalgo, um homem importante, importantissimo talvez—quem o sabia? E farto de não conhecer ninguem altamente collocado, começou por lhe fazer uma pergunta banal acerca do espetaculo. O marquez era muito accessivel, e á sahida já o Ventura lhe offerecia a sua casa e sabia que o seu companheiro era o marquez de Rucci, um joven italiano que vinha em commissão secreta encarregado pelo seu governo d'um alto negocio diplomatico.

Na manhã seguinte o Fortunato foi deixar um bilhete no hotel onde estava o joven e sympathico marquez, e oito dias depois offerecia-lhe um jantar, em que á sobremesa a Emilinha, já instruida pelo marido, lhe fallou na commenda.

O marquez prometteu pedir ao ministro, affirmou que era negocio quasi decidido, e o Fortunato Ventura—segundo me contou o sr. Mendonça e Costa—nunca se sentiu tanto seu nome proprio e cheio do seu appellido, como n'aquelle dia.

—Ai minha querida Emilia—exclamava elle á noite, ao deitar-se—Ai minha querida Emilia, quando eu vi aquelle bom rapaz no Colyseu, senti logo na cabeça qualquer cousa de grande; vi que se me deparava algum d'estes extraordinarios caprichos da sorte. Tinha ou não rasão? Era ou não a voz da Fortuna que me fallava?

—Talvez, talvez!—exclamara a Emilinha, suspirando, e um tanto perturbada.

Desde aquelle dia o marquez, na maior intimidade, visitava quasi todos os dias o seu amigo Ventura; mas era tão infeliz que quasi nunca o encontrava em casa e só tinha a receber-lhe a visita a Emilinha, coitada, tão boa rapariga, que o aturava horas e horas esquecidas, e tão esquecidas que ella chegava a pensar que a verdadeira ventura lhe vinha mais do marquez de Rucci, do que do appellido que lhe dava o marido.

Dois mezes já haviam passado que aquelle feliz encontro se dera e o Fortunato ia já perdendo a esperança de supplantar o Osorio. O marquez promettia muito, promettia com toda a certeza obter a mercê tão desejada, desfazia-se em amabilidades, em camarotes para S. Carlos, bilhetes para os concertos, passeios em carro descoberto; mas a commenda é que não apparecia.

N'uma terça feira á tarde preparava-se o Fortunato para ir dar um passeio com a sua cara esposa, quando ouviu parar uma carruagem á porta e em seguida tocarem á campainha. Era o marquez, que lhe vinha annunciar que d'ahi a dois dias, na quinta feira proxima, ia á assignatura o decreto que lhe conferia a commenda de Christo.

Foi um alegrão na familia; o marquez passou lá a noite; o Fortunato foi buscar *croquettes*, bolos e *champagne* á *Violette;* e á uma hora da noite fazia-se o ultimo brinde ao commendador Fortunato Ventura.

Mas uma boa noticia nunca vem só; ha sempre outra que a acompanha: n'aquella noite a Emilinha, depois de apagar a vela, annunciou ao seu caro esposo, que d'ali a alguns mezes ia emfim ser pae, depois de tantos annos de desesperança.

O Ventura estava radiante, todo elle respirava alegria. No dia seguinte, na repartição, não poude deixar de ser expansivo, por maiores esforços que empregasse, e declarou em alto e bom som para que o Osorio o ouvisse bem: que ia ser commendador e pae; commendador dentro de dois dias, pae dentro de sete mezes.

Mal tinha acabado de fazer tão alta participação aos seus subordinados, quando o continuo lhe veiu trazer o bilhete de um sujeito que lhe desejava fallar.

—Oh! é o marquez de Rucci! que entre, que entre!—exclamou o Fortunato, bem alto, para que todos soubessem tambem que tinha por amigo um marquez. E foi logo ao seu encontro.

O marquez entrou muito apressado, e, puxando-o de parte, disse-lhe:

—Sabe, meu amigo? Dá-se um caso levado dos demonios. Como hontem lhe contei, o ministro leva ámanhã á assignatura o decreto que lhe dá a commenda. Pois bem; sua ex.ª mandou-me, ha pouco, chamar e disse-me:— Você pode-me arranjar já um conto de réis, a dois mezes, por meio d'uma letra? Comprehende o meu caro Ventura que, se eu tivesse dinheiro, tinha-lh'o dado immediatamente; mas só d'aqui a quinze dias é que recebo as rendas das minhas propriedades em Italia. Lembrei-me por isso de vir ter com o meu amigo, a ver se tem algum meio de arranjar isto, porque realmente é uma vergonha o homem fazer-me o favor da commenda, e logo na primeira cousa que me pede não o servir. De mais, elle é vingativo. E' capaz de reconsiderar... Eu sei lá!

O Ventura ficou um pouco atarantado; mas, que demonio! havia de recusar o emprestimo ao ministro que lhe garantia o seu dinheiro por meio de uma letra e lhe dava uma commenda?

N'outro qualquer dia talvez tivesse logo dito que não tinha vintem, mas n'aquelle estava muito feliz para poder negar um favor:—ia ser commendador e pae!

Por isso pediu ao marquez que o esperasse debaixo das arcadas, junto ao correio geral, e sahiu; foi a casa, n'um pulo, buscar um masso de inscripções, e em seguida empenhal-as no mon-

DEVANEANDO

te-pio geral. D'ahi a uma hora o marquez recebia o dinheiro e dizia-lhe:

—Logo lhe levo a letra lá a casa. Adeus, meu caro Ventura.

O Fortunato voltou para a repartição, e ás 4 horas e meia dava entrada em casa. Passou-se aquella tarde, e o marquez não appareceu.

—Talvez venha á noite!—pensou o Ventura, um pouco inquieto.

Passou-se a noite e o marquez na mesma.

—Talvez só venha ámanhã!—pensou o Ventura já mais inquieto.

Passou-se o dia seguinte e nada de marquez.

– Talvez venha ámanhã e traga a letra juntamente com o decreto! — pensou o Fortunato, procurando uma desculpa para se atordoar.

Passou-se a quinta-feira e nada, nem decreto, nem letra, nem marquez.

Na sexta de manhã, ao abrir o *Illustrado*, deparou-se logo ao Fortunato, na primeira pagina, a seguinte noticia:

Prisão d'um falso titular

Foi hontem preso um italiano, que se dizia marquez de Rucci, e que, inculcando-se amigo de altos politicos, extorquia dinheiro a diversos incautos, promettendo-lhes empregos, condecorações, titulos, etc. A par d'isto contam-se muitas aventuras galantes a respeito d'este intrujão.

Não somos mais extensos, para não servirmos de estorvo ás averiguações da policia. Brevemente publicaremos o seu retrato.

O Fortunato teve um desmaio e esteve dois dias de cama. A historia da commenda, do conto de réis e accessorios, espalhou-se logo por toda a Lisboa: e o pobre homem, para não ser troçado no ministerio, requereu a sua aposentação. Para o logar de chefe foi nomeado o Osorio.

Esteve dois mezes sem sahir de casa, envergonhado do fiasco, mas, mesmo assim, ainda quando hoje apparece, os rapazes, ao vel-o, gritam-lhe logo: O' pae Ventura, queres mais commendas?

EDUARDO SCHWALBACH LUCCI.

MIRAGEM

(NO ALBUM D'UMA SENHORA)

Quando, ao cair da tarde, a luz desmaia
E a brisa vem beijar teu doce pranto,

Eu sinto, brandamente sobre a praia,
No murmurar da onda:—um nome santo!—

Esse nome que eu sinto murmurar
Ao desdobrar a onda o casto manto,
Tem a meiguice pura do luar
E a natural belleza do acantho.

Que suave perfume que não tem
Esse nome solemne:—minha mãe!—
Formoso astro, de Deus celeste brilho,

Que vem banhar de luz, encher d'aurora
O teu rosto, mulher, que tanto chora
De longe, ouvindo as fallas de teu filho!

Fevereiro—1886. ARTHUR MARINHO DA SILVA.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 36)

IV

A governante

E não houve demovel-o do seu proposito, não houve modo de commover aquelle coração que eu julgava tão terno, tão bom, tão facil de tocar, continuou Antonia.

Luiz transformára-se completamente. Eu chorei, eu implorei, eu insultei-o, eu provoquei-o nos paroxismos da raiva ao vêr que eram impotentes todos os meus esforços para arrancar uma palavra de perdão áquelles labios que até esse dia não tinham tido para mim senão palavras meigas de ternura e de amisade, e lagrimas e insultos, prantos e provocações tudo foi baldado. Estas não o feriram, aquelles não o commoveram. Ouviu-me um momento e depois repetiu o que já me tinha dito:

—Perde o seu tempo, estou com todo o sangue frio, bem vê. Não tente fazer-me desvairar até matal-a, ou commover-me até perdoar-lhe. E' bastante intelligente para não o esperar. Póde dizer e fazer o que quizer; para mim é isso inteiramente indifferente. A'manhã de manhã saia d'esta casa, nunca mais me verá nem a sua filha. Adeus.

E fechou-se no seu gabinete de trabalho.

Eu bati a porta, ainda suppliquei, ainda gritei, mas por fim veio o abatimento, vieram as lagrimas e depois, estenuado, adormeci até ser alto dia.

Quando accordei imaginei ao principio que tudo aquillo tinha sido um pezadello atroz, que a nossa vida continuava a ser a mesma que até ali, a estima do meu marido, a consideração publica, e o teu amor ardente, e escondido, e mysterioso.

O Fonseca olhou para a criada velha e para Antonia embaraçado, compromettido, como que vexado de se apresentar assim, n'aquelle brilhante papel de Antony, aos olhos da sua velha cosinheira, que estava habituada ha muito annos a vel-o só de Fonseca.

—Mas a realidade terrivel espicaçou-me em breve, continuou Antonia n'um tom melodramatico, embriagada um pouco pela sua propria narração. Chamei minha filha, não me respondeu. Em casa havia um silencio sepulchral. Toquei a campainha, appareceu-me uma criada velha que, quando casaramos, viera para nossa casa de casa de Luiz, que o conheceu de pequeno, que era toda affeiçoada a meu marido e que nunca me vira com bons olhos.

—A Gertrudes? disse-lhe eu.

—Não está cá, respondeu-me ella seccamente.

—Não está cá? Então onde foi?

—O sr. mandou embora todos os creados...

Eu abri muito os olhos e recuei espavorida diante d'essa velha que meu marido deixára ao meu lado como executora da alta justiça.

—E onde está meu marido?

—Sahiu com a menina.

—Com minha filha! com a minha filha! repeti allucinada, e corri ao quarto onde ella dormia.

A cama estava deserta.

—Ah! ladrão que me roubou milha filha! gritei cahindo de joelhos aos pés do leito aberto e solitario.

—E não volta, não é assim?

—Não senhora, respondeu ella sem olhar para mim.

—E então deixou-me só com você, n'esta casa?

—O senhor deu-me ordem de estar ás ordens da senhora, até a senhora sahir.

—Até eu sahir? Ah! elle disse lhe que eu havia de sahir? perguntei-lhe eu indignada, ao ver que meu marido fôra fazer aquella mulher confidente das nossas scenas intimas, fôra encarregal-a de cumprir as suas ordens contra mim.

—Sim senhora! respondeu ella afrontando o meu olhar com um ar insolente.

—E se eu não quizer sahir?

Ella calou-se.

—Sim, se eu não quizer, o sr. preveniu esse caso?

—Preveniu.

—O que? Pois elle atreveu-se a fazer-me a injuria de imaginar que eu estaria um instante mais n'esta casa desde o momento em que me intimasse ordem de despejo pela bocca do seu beleguim...

—Minha senhora, não me insulte, gritou ella com o olhar chammejante e crescendo para mim.

Pela cabeça passou-me n'esse momento uma nuvem de sangue; pensei em lançar as mãos ao pescoço d'essa velha e estrafegal-a ali como quem mata um coelho; sentia-me a trasbordar d'odio e não sei como tive mão em mim que o não saciasse n'aquella mulher. Graças a Deus, porém, contive-me no meio da minha exaltação enorme, tive sangue frio bastante para me lembrar que desgraças nos poderiam vir a ambos d'uma imprudencia n'esse momento terrivel, e calei-me.

Fui ao meu quarto, vesti-me á pressa, metti na algibeira o dinheiro meu, as minhas joias n'esta mala, e vim para aqui: aqui me tens, agora sou tua para sempre, faze de mim o que quizeres, és o meu senhor, és o meu marido, és a minha familia, toda a minha esperança, todo o meu futuro.

E Antonia lançou-lhe os braços ao pescoço com um grande gesto theatral, n'uma dramatica expansão de ternura e d'amor.

O Fonseca, muito compromettido e muito embatucado com tudo o que acabára d'ouvir, affastou de mansinho os braços de Antonia, que se enroscavam como duas serpentes em torno do seu pescoço, e disse-lhe n'um tom docemente reprehensivo:

—Então, menina, olha a criada!

Antonia olhou-o com os olhos espantados illuminados, por uma estranha expressão ao ouvir-lhe esta phrase, e affastou-se como que impellida por occulta mão

E ia a fallar, ia a responder: mas n'isto sentiu-se rodar na rua das Damas um trem em grande batida. Os dois pozeram-se em pé. O trem parou á porta.

(Continúa.) GERVASIO LOBATO.

ESTUDOS LITTERARIOS

FRANZ LISZT

A presença de Franz Liszt em Paris aviva, para a actualidade, o contorno d'esta grande figura artistica, em torno da qual a lenda esboça tantos deliciosos romances de amor, tantas aventuras vagamente fantasticas, no meio das quaes a phisionomia do glorioso amigo de Gorge Sand resplende como uma d'esses cabeças heroicas, apaixonadas e mysticas, evocadas de um fundo brumoso pela palheta de Goya.

Arrancamos á chronica de *Ryno*, uma das mais flexiveis pennas do jornalismo francez, alguns traços d'esse vulto originalissimo:

Fronte erguida, cabellos abundantes e compridos, desassombrando-lhe a vasta fronte sulcada de rugas, olhos claros e profundos sob o arco proeminente das sobrancelhas, nariz direito de um corte arrojado, bocca imperiosa, severa, um pouco contraida, attitude altiva, tal é o homem que desde a mocidade até á velhice tem sido seguido por uma legião de mulheres palpitantes de apaixonada ternura.

A grande aventura da existencia de Liszt foi a sua famosa ligação com a condessa d'Agoult de quem teve tres filhos: Blondine, que casou com Emile, Olivier. Cosima, nascida nas margens do lago de Como, que casou com Hano de Bulow e mais tarde com Wagner, e Daniel, um mancebo encantador, morto aos 17 annos, succumbindo precocemente em um *fauteuil* capitonado de cartas de amor, escriptas por um grupo de mulheres seduzidas por esse bello rosto de adolescente, retrato do pae.

Singulares amores os d'esse musico, dotado de uma fascinação magnetica, e d'essa erudita, que se lhe assimilhava vagamente na austera magestade do perfil de medalha!

A severa belleza de *grande dame* da condessa d'Agoult, resistiu triumphante até aos ultimos annos da sua vida. A' noite vestia sempre de seda *gris perle*, corpete aberto, envolvido em uma nuvem de rendas; a condessa gostava de embrulhar-se em uma grande capa, que desenhava a linha flexivel da sua estatura elevada e elegantissima. Contava-se que, durante a sua mocidade, a condessa tivera uma alcova forrada de velludo preto, que dava um estranho realce á sua pallidez eburnea. A illustre escriptora descreveu-se admiravelmente n'estas palavras, peculiares ao estylo da sua época: «um bloco de neve sobre uma cratera.»

Franz e a condessa foram aspirar os amorosos effluvios da sua lua de mel nas florentes margens do lago de Como... De

A POLTRONA DO AVOSINHO

subito, como Alfredo de Musset e George Sand, cessaram de rever-se no crystalino espelho do seu idyllio, separaram-se bruscamente e cada um partiu para seu lado! Qual foi o motivo que obscureceu essa felicidade, apparentemente creada para resistir a todos os desencantos?...

Liszt allegou divergencia de idéas na educação que ambos queriam dar aos filhos. Ella deixou-lh'os e ausentou-se. Os seus amigos intimos attribuiram outra origem a quebra d'esses laços...

Pouco tempo depois, o grande musico encontrou em um jantar aquella a quem deu mais tarde o nome de princeza Mirifica.

O casamento da princeza celebrára-se alguns dias antes.

Liszt, assentado ao seu lado, absorveu-se na contemplação d'esse rosto adoravel, d'esses grandes olhos de um azul metallice, dardejando um fulgor estranho sob o espesso veu das pestanas. Dos dezeseis annos da formosa noiva evolava-se o inebriante perfume da mocidade e do amor. Franz Liszt envolveu a creança, que o captivára, no seu extraordinario poder de seducção. A noiva, perturbada e commovida, transmittiu ao noivo a sympathia que lhe inspirára o celebre pianista. Na vespera de partirem para a Italia, onde iam fazer a sua viagem de nupcias, Liszt annunciou-lhes que os acompanharia. A proposta foi acolhida com enthusiasmo. Liszt deixava para seguil-os dois concertos, onde todos os logares, pesados a oiro, estavam de antemão alugados.

Mas o dinheiro para esse grande fantasista tem sido sempre a questão secundaria.

Esta viagem foi um sonho das *Mil e uma noites*... para o artista e para a princeza.

Os jornaes referiram-se á intimidade dos dois; o marido susceptibilisou-se, mas Franz convenceu-o de que se havia constituido, elle só, o anjo da guarda da juvenil noiva.

A princeza resistiu por muito tempo á paixão que a endoidára. Uma noite, em seguida a uma lucta cheia de episodios romanescos, o anjo da guarda feriu, com um punhal, o braço da sua protegida. Era irresistivel, e desde então a pobre magnetisada cessou de resistir...

*

Em todos os concertos que se realisaram durante o periodo d'esse amor, Liszt não se assentava nunca ao piano sem vêr primeiro a princeza no seu camarote.

Em vão o publico protestava contra a demora, gritando, batendo com os pés. O Mestre não apparecia senão depois de ter visto surgir no camarote a princeza com a sua doce phisionomia oval, a sua graça nonchalante e os seus ares de virgem.

Uma noute, em S. Petersburgo, a sala fulgurava de todos os esplendores da aristocracia moscovita; presidiam ao espectaculo o imperador, a imperatriz e todas as princezas da côrte: ao aspecto de Liszt, uma chuva de ramilhetes, arrojados dos camarotes, caiu-lhe aos pés. Só a princeza Mirifica conservou na mão o seu *bouquet*: os dois amantes estavam amuados... O grande compositor, muito pallido, quedou-se de pé e immovel sobre o estrado, fitando aquella que elle amava, esperando os cravos vermelhos, que as suas pequeninas mãos seguravam, e não querendo tocar em nenhuma flor antes de recebel-os. A princeza não quiz ceder; Liszt, pela sua parte, fez o mesmo e toda a gente comprehendeu o mudo dialogo fallado entre ambos.

O imperador incumbiu o seu ajudante de campo de ir ao camarote da princeza ordenar-lhe que atirasse o ramilhete ao pianista, evitando-se assim a prolongação de similhante escandalo. Ella obedeceu, com a diplomacia feminina que as mulheres empregam para fazerem a sua vontade, parecendo curvarem-se á vontade alheia. Entregou as flores ao ajudante, que as atirou aos pés de Liszt. Este levantou-as do chão, e foi só então que pegou nos outros *bouquets*.

*

O famoso pianista era uma especie de Othello ciumento, quando algum homem se approximava da sua princeza.

Um dia em que a princeza, não obstante ter encarregado Liszt de arranjar-lhe camarote, acceitára outro que lhe offerecera um dos seus amigos, o Mestre escreveu-lhe a seguinte pouco amavel epistola: «Minha senhora, envio-lhe o camarote que me pediu. Se não precisar utilisal-o, atire-o ao fogo ou á agua, ou offereça-o á princeza G***, que, segundo me consta, solicitou em vão um camarote. Ou então, devolva-o sem ceremonia; mas permitta-me que lhe observe que se me afigura singular que M. A.... (não sei como se escreve este nome), ou qualquer outro, arrogue a si o direito de desempenhar um encargo que me tinha sido conferido.

«Mil respeitosas homenagens.

«*F. Liszt*.»

Eis o fragmento de uma outra carta endereçada pelo famoso artista á bella princeza Mirifica, e que contrasta com o estylo da que a precede:

«...Recommenda-me que não me esqueça das dez horas! Deus meu! desde que a deixei só oiço resoar dez horas, dez horas, de manhã, á noite e sempre! Não tome isto á conta de um banal galanteio, porque é simplesmente e absurdamente exacto. Não cessam de vibrar aos meus ouvidos as dez horas. Todos os relogios batem esta hora e todas as aves parecem repetil-a...

Emquanto espero, enviar-lhe-hei (visto que m'o permitte) uma porção de cousas que não teem senso commum, mas ás quaes o seu fino espirito achará talvez um sentido qualquer.

«Ainda uma vez, estou *mortalmente triste* e vou findar a minha carta.

«Aos pés dos seus pés.

«*F. L.*»

*

O principe F. convidou Liszt para ir dar um concerto a Ems, ao qual deveria assistir toda a nobreza. A' ultima hora, o grande pianista restituio ao principe a avultada somma que recebera e recusou-se a comparecer, visto que, contrario ao desejo que testemunhára, a princeza não tinha sido convidada.

E' com este exclusivo culto pelo *eterno feminino*, anteposto a todas as considerações, a todos os respeitos e a todos os interesses, que Liszt tem encadeado á sua existencia um sem numero de mulheres, que ainda hoje o seguem, o adoram e o escutam como uma especie de oraculo.

*

E' conhecida de toda a gente a historia da sua ligação com a princeza W... Desejando legalisar esse amor, a princeza obteve do Papa a annullação do seu casamento. Então Liszt, com a suprema habilidade estrategica que é uma das suas forças, sentiu de repente bafejar-lhe a fronte o raio da divina graça e fez-se padre... «Isto, diz elle muitas vezes, mostrando a sua tonsura, salvou-me na terra, e espero que me salvará tambem no céo.»

Mas não foi só a princeza W. a origem da subita vocação religiosa de Liszt, que o fez sollicitar de Pio IX as ordens sacras, conferidas em 1865

O D. João do piano requestava, alem da princeza W, outra mulher casada, tendo promettido a cada uma em particular desposal-a, se acaso enviuvasse. Quiz a fatalidade que a annullação do casamento da primeira coincidasse com a morte do marido da segunda. Calcule-se o terrivel quarto de hora do grande artista!...

Entre les deux son cœur balance

Roma offereceu-se-lhes como a unica solução possivel.

A princeza W. perdoou; mas a segunda vingou-se cruelmente, publicando mais tarde um livro gotejante de fel, intitulado: *Historia de um pianista*.

De resto, Liszt observa religiosamente os deveres do seu ministerio, ouve missa todas as manhãs e confessa-se frequentemente...

A princeza W., que não retirou a sua amisade ao Mestre, a despeito da sotaina erguida entre ambos, é uma mulher de extraordinario valor. A sua dedicação pelo grande pianista era inexcedivel. De uma vez que o banco do piano não attingia a desejada altura, a princeza poz as suas duas mãos sobre o banco, para que Listz chegasse ao teclado!...

Infelizmente, ó desilusão! a fanatica admiradora de Liszt toma rapé!

*

Conta-se que Liszt, vendo-se ao espelho, exclamára, gracejando:

—Que cara tão exquisita, mas que bella cabeça!

Será a essa singular antithese que elle deve os seus triumphos amorosos, a côrte enthusiastica e devota de que o cercam as mulheres?

Ainda hoje, em que a velhice embranqueceu a juba do célebre *virtuosi* e lhe deprimiu as faces com a sua unha implacavel, ainda hoje a baroneza de M... abandonou tudo para o seguir!

Outra assevera ser o seu anjo Gabriel, enviado por Deus, para o preservar de doenças e perigos de qualquer especie.

Não raro, um grupo de mulheres apodera-se avidamente de uma luva de Liszt, corta-a em pequenos bocados, reparte-os e usa-os depois, pendurados ao pescoço, como uma especie de reliquia!

E' a verdadeira loucura feminina, provocada pelo estranho encanto do *charmeur*, e partilhada por todos os paizes, que não tem cessado de glorificar o talento d'esse homem predestinado.

Em Pesth, solemnisou-se em 1873, como uma festa nacional, o 50 anniversario da sua estreia *no marfim*. Executou-se n'essa occasião, na sala Redoute, o oratorio *Christus*, sob a presidencia do Mestre, que assistiu á ceremonia vestido com uma comprida toga roixa e coroado de myrthos de oiro.

Em Munich, Liszt tinha uma verdadeira côrte composta de rapazes e raparigas, adoptando os primeiros para seu uso as vestes ecclesiasticas e trajando as segundas de branco, com grinaldas de lyrios. Uns e outros ajoelhavam na presença do Mestre e beijavam-lhe a mão.

Liszt habita em Weimar um palacio sumptuoso, situado no parque do Grão Duque e destinado por Sua Alteza para residencia do célebre pianista. Vai-se ahi em peregrinação, como se vai á Terra Santa... As meninas prostram-se aos seus pés, e só se levantam quando Liszt o permitte.

Ha n'esta idolatria um confuso mixto de sublime, de ridiculo, de heroico, de extravagante e de burlesco!

*

Liszt escreveu no album de uma *grande dama* franceza:—«A estima do mundo conquista-se na razão directa do desprezo que ella nos inspira.»

—Tenho sido muito amada e adulada, (diz a dona do album) tenho visto aos meus pés os homens mais illustres, mas nenhum d'elles me deixou a indelevel recordação que conservo de Liszt.

O original artista preferiu o amor a todas as cousas, á gloria, á vaidade e á riqueza. O amor pagou-lhe generosamente o exclusivismo da sua adoração.

Até á sua ultima hora, Franz Liszt terá em torno de si mulheres apaixonadas, magnetisadas, suspensas dos seus labios, deixando para o seguir familia, patria, e não lastimando nunca o sacrificio feito no altar do Deus da harmonia.

GUIOMAR TORREZÃO.

O DUQUE DE VIZEU

ACTO PRIMEIRO

SCENA III

ANTÃO DE FARIA

Desappar'ceu n'este momento o algoz!

EL REI (estremecendo)

O algoz!

BISPO DE EVORA (baixo, a D. Guterres Coutinho)

Bemdito algoz!

D. GUTERRES COUTINHO (baixo, ao bispo)

Fulge um raio de esp'rança!

O CONDE DE MARIALVA (áparte)

Meu Deus!

(Movimento de anciedade geral. Percebem-se no rosto de el-rei uns assomos de colera crescente).

EL-REI (levantando-se, em voz vibrante e terrivel)

Não foge á morte o duque de Bragança!
Ah! julgaveis talvez, rebeldes imbecis!
Prender a regia fronte em laços infantis!
Pensaveis que, cançada, exhausta de embaraços,
A justiça real emfim cruzasse os braços!
Ficasse embora impune a torpe rebeldia,
Carcomendo na sombra a velha monarchia,
Corrompendo o paiz com seus turvos anhelitos,
Buscando no estrangeiro, infamia! os seus proselytos,
Erguendo as ambições até ao throno egregio,
E fazendo passar sobre um cadaver regio
O carro triumphal! Nescios! O capitolio
Tinha os gansos leaes! Tem-n'os tambemo solio!
Que trema em vossas mãos a traiçoeira adaga,
Porque o sceptro real, n'um só revez, esmaga
As revoltas do crime, as fallazes promessas
Da perfida ambição, as honras e as cabeças!
Iulgaes que vos defende a escuridão da noite?
Sabei! Nunca a traição terá onde se acoite
Durante o meu reinado! Algar de villanagem
Ou feudo senhoril, solar ou tavolagem,
Em toda a parte haveis de achar meu forte braço,
Haveis de encontrar sempre ou cutello ou baraço.
Que extinga em vossa gorja a voz da sedição.
Não vos fieis da treva! Ah! se o real falcão
Paira junto do céu, fitando o olhar profundo,
Sobranceiro á montanha, ao mar, á selva, ao mundo,
Traidores! não julgueis que o seu poder lhe fuja,
Em plena escuridão! Como a sinistra c'ruja,
Ergue o nocturno veu! Das sombras do olivedo
Sabe arrancar á treva o seu fatal segredo!

(Pausa— Em tom de sarcasmo)

Desapparece o algoz! Por Deus! isso que importa?
Que o vibrem quaesquer mãos, o ferro sempre corta
O collo d'um traidor! Ninguem á morte o rouba!
Hei de encontrar por certo a quem vestir a loba
Do carrasco fatal! Embora o golpe seja
Hesitante e feroz! Embora, embora veja
Livida, ensanguentada, a cabeça perjura
Fitar-me, em contorsões medonhas da tortura!

(A Antão de Faria —Com muita energia)

Vamos, Antão! Dizei... mandae que na prisão
Se erga sem mais demora este real pregão:
«El-rei perdôa a morte áquelle que a seu mando
«Quizer dar justa morte ao duque D. Fernando!
Veremos, desleaes! se para algum de vós
A' justiça impotente ha de negar-se algoz;
E se ao throno real, reptis! haveis de vel-o
Tremer e baquear, á mingua d'um cutello!

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.

AS NOSSAS GRAVURAS

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

E' o heroe do successo theatral do dia, o glorioso author do soberbo drama historico, em verso, *Duque de Vizeu*, que os artistas do nosso primeiro theatro de declamação acabam de levar á scena, com applauso enthusiastico e unanime do publico.

Apesar d'este successo ruidoso e d'este triumpho colossal, que lhe valeram o habito de S. Thiago conferido por el-rei, como galardão a um extraordinorio merito litterario, Lopes de Mendonça—o marinheiro poeta, o descendente d'outro talento peregrino como o seu—conserva-se impassivel, sereno, sem nos mostrar a *pose* orgulhosa dos heroes e a attitude olympica dos vencedores.

E' que elle é modesto, sinceramente modesto—uma qualidade rara nos tempos modernos—e não gosta de se exhibir com grandes ares, nem d'isso precisa para conquistar glorias e applausos.

Talento d'eleição, só pelo talento procura impor se, deixando aos insignificantes a tarefa de se imporem pelo pedantismo. Honra lhe seja.

*

Lopes de Mendonça, o moço poeta e dramaturgo, escreveu, antes do *Duque de Vizeu*, uma deliciosa *bluette* em verso, a *Noiva*, interpretada com irreprehensivel esmero pelos actores do theatro de D. Maria. Foi a sua iniciação na litteratura dramatica, e brilhante iniciação, por signal. A' primeira tentativa, ganhou logo as esporas de cavalleiro. Hoje, acaba de ganhar as dragonas gloriosas de general, pelo seu ultimo triumpho, e ha de vir ainda a pôr nos hombros as de generalissimo, porque tem trinta annos e um formoso talento.

C. D.

DEVANEANDO

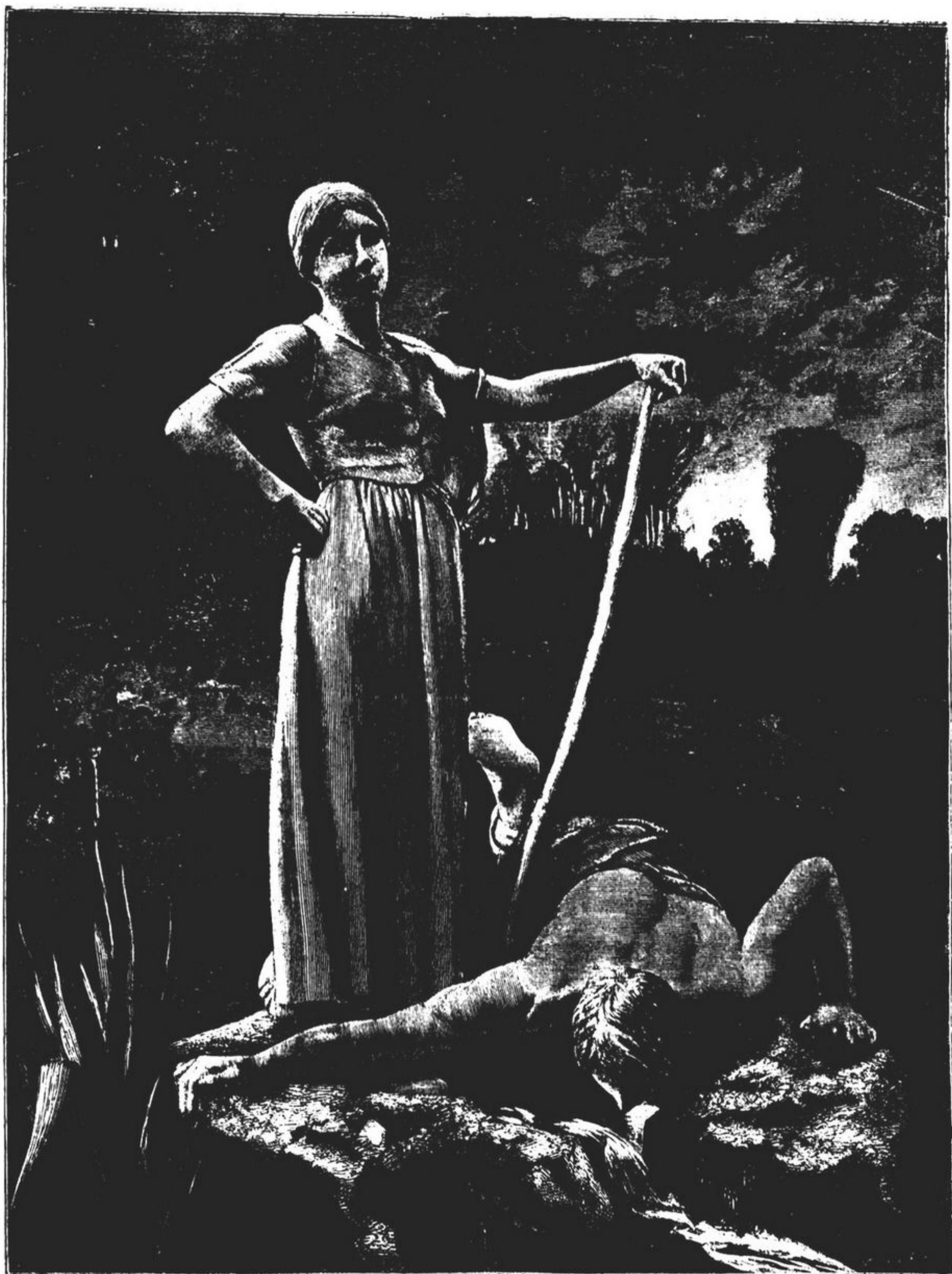
E' n'aquellas edades felizes que mais se devanea pelo campo do azul, sonhando gentis chimeras.

Não ha inquietações, nem cuidados, nem a sombra tenuissima d'um desgosto. Corre tudo á maravilha. A existencia deslisa brandamente, suavemente, como um arroyo crystalino e limpido, illuminada pelos clarões da mocidade.

Olhem-me bem para o rapazola da nossa gravura, que cachimba em doce paz, deitado de bruços á beira do regato, sobre a relva florida, e digam-me depois se não teem inveja d'aquella serenidade, se não sentem saudades do tempo em que faziam outro tanto, em que sonhavam os mesmos sonhos, arremessando estrophes luminosas ao sol e ás estrellas!

Nós sentimo-l'as, e profundas.

A POLTRONA DO AVOSINHO

Era ali que o avô, um velho fidalgo *ancien régime*, costumava repotrear-se todas as tardes, *post prandem*, para dormir a sua soneca tranquillamente.

DEPOIS DO TRABALHO

Morto elle, a ampla poltrona de columnatas em espiral e espaldar de velludo, foi atirada para o canto d'uma alcova solitaria, como traste inutil.

Mas o pequeno, que adorava o avôsinho, e que alguns somnos dormira ao lado d'elle, com a cabecita reclinada sobre os seus joelhos, vae para ali, de quando em quando, evocar saudades, recordar-se do morto estremecido, chamar ao espirito a querida imagem do santo velho.

DEPOIS DO TRABALHO

N'este delicioso grupo de Albert Lefeuvre, que figurou em tempo na exposição de Paris, ha um não sei que de grave e serio, que faz lembrar as austeras paizagens de Millet.

A rude fadiga dos trabalhadores acabava com os derradeiros esplendores do sol que se apagavam no horisonte; o camponio debruça-se n'um regueiro d'agua nativa, para matar a sede, emquanto que a sua companheira, de mão na ilharga, parece enleada em profundas reflexões.

Pela sua attitude, vê-se que aspira ao repouso: o seu olhar fatigado e a languidez do seu aspecto, bem o manifestam. Não obstante, as formas da juventude apparecem, com vigoroso relevo, sob o modesto vestido de burel.

E' muito para louvar no artista esta manifestação do verdadeiro, que nada tem de realismo e que se nota a par da singeleza e da sinceridade.

PELO PINO DO VERÃO

O calor é muito, a sêde aperta, e a limpidez do regato convida a beber até fartar.

Como, porém, ha quatro sedentos e tres d'elles são brutos, o pequeno camponio da nossa estampa—um pastor, de certo,—reputa menos airoso dessedentar-se na mesma attitude dos cães. E' degradante e pouco aceiado.

A' falta de copo, recorre ao chapeu. Não diremos que esta maneira de beber seja mais limpa, mas, emfim, é muito mais consentanea com a superioridade da sua raça. E depois... *à la guerre comme à la guerre.*

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

No meio vejo um peixe—2—2.
Na India é condemnado este peixe—1—1.
Esta planta zombava d'esta cidade hespanhola—2—2.
E' imperceptivel esta planta por ser uma arvore da India—1—2.

Covilhã. ANTONIO A. DE FIGUEIREDO.

EM VERSO

Eu tenho uma prima,
Que alguem assegura
Ter dotes esplendidos
E muita candura.

E' bella e bondosa,
E' mesmo um primor,
E' vel-a e ficar
Perdido de amor!

Eu fiquei, confesso,
Perdido por ella,
E amor dediquei
A' prima tão bella.

Foi em sua casa—2
Com muita paixão,
Que ella me acceitou
A declaração.

Sempre distrahida,
Em questões de amor;
Falla-me em pintura—3
Sem eu ser pintor!

Para um namorado
E' forte maçada,
Assim apanhar
Tão grande estopada.

E para acabar
Com mais arrelia,
Vem fallar-me ainda,
Em Mythologia!

Castello Branco. XAVIER RODRIGÃO.

Verás uma conjuncção,
Isso posso affiançar;
Mas se trocas a vogal,
Uma nota has de encontrar—1.

Se permutas a vogal,
Adjectivo deve dar;
Mas se trocas não fizeres,
Uma nota has de encontrar—1.

Visto que falta só esta,
Nada é preciso trocar,
Pois conservando-a intacta,
Uma nota has de encontrar—3.

Terminando com as trocas,
Resta sómente indicar
Que, sem fazer alt'rações,
Uma nota has de encontrar.

MATHEUS JUNIOR.

Uns dizem que é mentira, e eu confesso—2
Que não sei, afinal, se o é ou não;
Mas li no *Popular* ou no *Progresso*,
(Não me recordo bem) que ia *entregar*—1
O ministerio a sua demissão.

A rei morto, o rifão bem diz, rei posto,
Vae outro p'r'o logar do que se afasta.
Deixal-os lá mudar, mudam por *gosto*
E o *gosto* aqui é tudo—Disse e basta.

E. PANCADA.

Logogriphos

(Por lettras)

Parodia

(Ao insigne logogriphista Matheus Junior)

Lendo eu hoje, de manhã,
tres logogriphos diversos,
vi um,—«*Jornal da Louzan*»,
em que vinham estes versos:

«Ir a villa bem distante—10—7—4—10—9
Um sujeito assim chamado—1—7—3—13—11—6—9
Affirma ser fatigante—1—2—13—4—11—2—6—14
Não sendo aqui transportado—1—14—4—3—7.

Trouxe de certa cidade,—1—14—6—4—2
Onde havia este appellido,—8—2—13—6—14
Fabulosa divindade—12—7
E fructo mui conhecido—14—10—5—10—11—3—9.

O conceito do ordinario
é que o todo sempre indica;
e n'este, vez semanario
Que em Portugal se publica.»

Castello Branco. A. MERUJE.

Nome de mulher—1—6—2—5
Nome de mulher—5—7—3—4—1—6—2—8
Nome de mulher—4—6—1
Nome de mulher—1—7—8—4—6—1.

Nome de mulher

Porto. J. BERNARDO PINHEIRO.

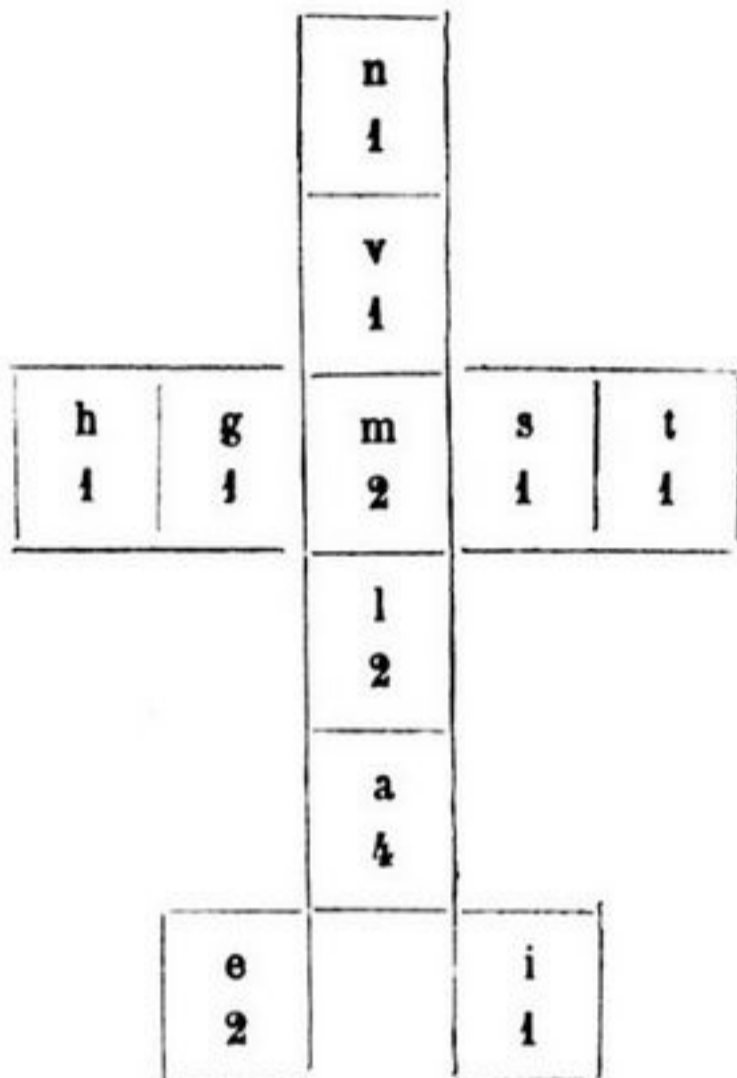
Problema

Um numero de 7 algarismos começa, a pa esquerda,

por 14. Juntando-lhe 1810089, a somma compõe-se dos mesmos algarismos, collocados pela mesma ordem que no primeiro numero, com a differença apenas de 14 ter passado da esquerda para a direita. Qual é o numero?

MORAES D'ALMEIDA.

Enigma

Premio a quem primeiro me enviar a decifração:—o *Almanach das Senhoras*, de 1886

Formar com estas letras, empregadas tantas vezes quantos os algarismos designam, o nome de um distinctissimo poeta brazileiro.

Pontevel. JOAQUIM CHAGAS.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Sibata—Favão—Silvano—Mandarim—Faluxo—Margrave—Naveta—Girasol.

DA CHARADA EM VERSO:—Sagacidade.

DA CHARADA ELECTRICA:—Ajol.

DOS LOGOGRIPHOS:—Clementina—Entrevista—Engracia dos Prazeres—Peitoral.

DO PROBLEMA:—105 nozes.

EXPEDIENTE

Enviaram-nos a decifração exacta da charada do n.° 36, posta a premio, os ex.mos srs. Eduardo Ernesto d'Abrantes Ferreira, Pequeno Antoninho, G. Caetano, José Mendes de Gouveia, Antonio Alfredo de Sousa Pias, José da Silva Souto e Joaquim David Galheto.

Teve direito ao premio o primeiro d'estes cavalheiros.

*

Por engano dissemos no ultimo numero que tivera direito ao premio offerecido pelo auctor do logogripho *Primavera*, o sr. Joaquim David Galheto.

O premiado foi o sr. Xavier Rodrigão, de Castello Branco.

A RIR

Calino deu-lhe para ser caçador.

Uma bella manhã põe-se a caminho para a caça, d'espingarda ao hombro; mas, por uma d'estas fatalidades que só a elle succedem, esqueceu-se de levar cartuchos.

De repente, apparece-lhe uma lebre soberba. Calino faz logo a pontaria.

—Mas, desgraçado! diz-lhe um dos companheiros, tu não vês que tens a arma descarregada?!...

—Cala-te ahi, tolo, redargue Calino; eu sei isso perfeitamente, mas a lebre é que o não sabe!

*

Dialogo entre um medico e um doente que não passa por ser das pessoas mais aceiadas:

—Os banhos que estou tomando, doutor, não me fazem bem algum: devo continuar com elles?

—De certo.

—Mas como não obtenho resultado, parecia-me...

—Perdão, meu caro: os banhos dão sempre um resultado:—lavam.

UM CONSELHO POR SEMANA

RECEITA PARA BRANQUEAR A PELLE

Tomam-se 125 grammas de miolo de pão de centeio ainda quente, e misturam-se com quatro claras d'ovos frescos e meio litro de vinagre de vinho. Bate-se tudo muito bem e passa-se atravez d'um panno.

Para obter o branqueamento da p lle, basta laval-a, tres dias a fio, com o liquido obtido.

A MULHER NO FUTURO

Qual deve ser o papel reservado á mulher nas sociedades do futuro?

E' esta uma questão que tem servido de thema ás mais renhidas controversias, questão complicadissima e a que não será facil responder, em vista dos argumentos que de parte a parte se produzem, contra e a favor da emancipação feminina.

Eu lisonjeio-me de não pertencer ao numero d'esses rançosos mantenedores dos velhos preconceitos sociaes, que sequestravam a mulher a todo o convivio civilisador, mas devo tambem declarar que não sympathiso nada com as exigencias desmedidas dos que pretendem leval-a á partilha dos altos cargos da republica, e ao goso dos mesmos direitos e regalias concedidas ao homem.

A mulher tem a sua missão a cumprir no seio da familia, missão, sem duvida, das mais difficeis e das mais espinhosas. Querer arrancal-a d'esse meio placido e tranquillo, para a lançar na grande agitação tumultuosa da vida publica, isto sem attender as differenças physiologicas e psychologicas que a separam do homem, é aspirar á realisação de uma loucura, que importaria a mais profunda alteração no seio do organismo domestico, e conseguintemente de todo o organismo social.

Se a mulher, que queira desempenhar dedicadamente na familia o importantissimo papel que lhe compete, tem de renunciar uma boa parte dos frivolos passatempos que a sociedade lhe offerece, para se entregar aos santos e abençoados esforços da educação de seus filhos e ao trato solicito das coisas do *ménage*, como se ha de conceber que, n'uma sociedade mais perfeitamente organisada do que a dos nossos dias, a mulher chegue a ver realisados todos esses sonhos utopicos de completa emancipação, de egualdade de direitos, e de ingresso em todos os ramos da actividade humana?

Só se se der uma inversão de papeis na grande scena social, e emquanto a mulher se entregar ás grandes empresas industriaes, aos arrojados commettimentos da arte e da industria, ao estudo e solução dos mais complicados problemas da sciencia, e á discussão parlamentar dos interesses do estado, o homem se conservar em casa e acompanhar os filhos, a cuidar da sua educação, do desenvolvimente gradual das suas faculdades, a determinar os arranjos domesticos, a organisar o rol da roupa, e nas horas vagas a fazer *crochet* ou a bordar a missanga.

Um disparate, simplesmente, e um disparate que perfeitamente dispensa ser analysado atravez da lupa da hipperbole e do paradoxo, para que se evidenceie em toda a sua enormidade.

Felizmente a ideia da emancipação feminina não tem feito na Europa grandes progressos; na America, porém, conta hoje um grande numero de partidarias denodadas e acerrimas.

Foram as damas americanas as primeiras que iniciaram essa estranha cruzada, que tem por fim legar á condição feminina uma esphera de acção mais ampla e mais extensa. São ellas as que, com maior insistencia, clamam pela emancipação do seu sexo, e levadas de um exagerado espirito de independencia e de rebellião, exijem que lhes sejam concedidos todos os direitos e regalias que hoje pertencem exclusivamente ao homem.

E' assim que a mulher, que por tantos seculos foi uma victima da ignorancia e uma escrava submissa da brutalidade do homem, parece querer hoje indemnisar-se d'esse passado de injustiça e de soffrimento, exigindo a concepssão de direitos excessivos; e não contente com o gráu de extrema consideração a que logrou ascender com o progredir da civilisação, insurge-se ainda contra o que se chama *a tyrannia do homem*, e arvora o estandarte da rebellião, luctando denodadamente pelo bom exito

da sua causa, na imprensa, nos congressos, por todos os meios, emfim, de resistencia activa e passiva.

Pois permitti-me, illustres damas, que eu vos diga que não tendes rasão, nem nas vossas pretensões, nem nas vossas queixas. A tyrannia do homem é hoje uma simples phrase de effeito, inventada para uso dos nossos artigos revolucionarios e dos vossos discursos exaltados. Se nas modernas sociedades civilisada ha tyrannos, sois vós, cuja formusura e attractivos nos subjugam e dominam despoticamente; se ha escravos, somos nós, que nos curvamos aos vossos pés, submissos e obedientes, na extatica beatitude da adoração.

Não, minhas senhoras, não tendes rasão. As mulheres, a quem uma velha asthonomania — oriunda, creio eu, dos tempos em que os povos, as raças e os individuos se graduavam simplesmente pelo vigor physico —classifica de *sexo fragil*, constituiem a força mais prodigiosa e mais dominadora que se conhece. Em todos os estados e em todas as situações, a sua influencia é incontestavel e decisiva nas coisas humanas, quer como esposas, irmãs ou amantes, pela acção poderosa que exercem na personalidade affectiva do homem, quer como mães,

as doces creaturas
Que teem sob a mão
as epocas futuras,

pela direcção que desde o berço lhes é dado imprimir á educação de seus filhos, edificando assim, indirectamente, a sociedade de ámanhã.

Se chegasseis, minhas senhoras, a sahir d'esta esphera de acção, para vos entregardes ao exercicio dos cargos publicos e á questão dos negocios politicos, logo perderieis a doce influencia por vós exercida na vida particular e intima, só pela força das vossas graças, da vossa delicadeza e da vossa sensibilidade. Deslocados do meio que vos é proprio para aquelle que é o verdadeiro campo de acção do homem, serieis por esta fatalmente supplantadas, e despojadas de todo o vosso poder e de toda a vossa authoridade.

A mulher tem uma missão especial, para a qual a natureza lhe deu uma constituição e um temperamento adequados. Phisiologistas e psychologistas estão n'este ponto de accôrdo, e a analyse dos factos prova-nos que o que sobre tudo domina na mulher é o coração, é o sentimento. A este proposito occorre-nos um caso não muito remoto, e que em tempos a imprensa relatou.

Uma preceptora de Nova-York annunciára em todos os jornaes que partiria para a Europa em digressão artistica e scientifica, levando comsigo as educandas que quizessem acompanhal-a, para aperfeiçoarem os seus conhecimentos historicos e estudarem a arte nos museus do velho mundo. Effectivamente a partida realisou-se, trazendo a austera perceptora em sua companhia umas dez *miss* loiras e elegantes, enthusiastas e sonhadoras. Deu-se, porém, um facto digno de menção: em todas as educandas o enthusiasmo pela instructiva viagem foi vencido pelas travessuras de Cupido:—uma contrahiu relações em Londres com um official da marinha britannica, outra enamorou-se em Bruxellas de um moço belga, outra endoideceu por um official austriaco, outra casou com um turco, outra com um tenor de opera comica; emfim, ao cabo de algumas semanas, a pobre preceptora voltava desolada e só á sua patria, e talvez convencida, por aquelle exemplo eloquente, de que a emancipação da mulher nunca ha de passar de pura phantasia de cerebros devaneadores.

E' por isso que eu, embora me objectem que as theorias reformadoras que hoje se discutem ainda não estão sufficientemente sasonadas para serem levadas á pratica, e que é um erro discutil-as debaixo do ponto de vista da civilisação actual, não creio que a condição da mulher possa soffrer em algum tempo a transformação radical que se pretende. A mulher do porvir será, sem duvida, mais instruida, mais intelligente, libertar-se-ha de muitos preconceitos atrazados que ainda hoje a obsediam, desempenhará um papel social mais importante, tomará maior interesse pelos destinos da humanidade e menos pelas frivolidades do luxo; mas creio que nunca será nem eleitora, nem deputada, nem engenheira, que não discutirá projectos de leis nem projectos de estradas, que nunca será funccionario publico, nem regedor de parochia, nem ministro de estado, nem trocará, emfim, pela agitação permanente da vida publica, o decorrer placido e tranquillo da vida domestica. A realisar-se o contrario, a sociedade em que tal facto se desse seria uma completa mascarada, a um tempo risivel e triste, d'onde o amor, a delicadeza e o sentimento desappareceriam totalmente, para darem logar a lucta constante dos interesses e das paixões, para a qual não haveria treguas nem no recinto do lar domestico. E em tal situação, minhas senhoras, deixando a mulher de ser simplesmente a nossa companheira solicita e carinhosa para ser *a nossa collega*, a companheira dos nossos trabalhos e das nossas fadigas, nós, os homens, poderiamos com justa razão cantar em côro aquelles versos da conhecida opereta:

Les femmes, les femmes, les femmes
Il ne faudrait pas, pas, pas, pas.

MAGALHÃES FONSECA.

PELO PINO DO VERÃO

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA 35, LISBOA